



A educação ambiental crítica na pedagogia: o caso de uma faculdade do sul de Minas

Andreia Marcelina Silva Carvalho¹

Bruno Andrade Pinto Monteiro²

Resumo: Esta pesquisa buscou compreender como um curso de Capacitação em Educação Ambiental contribuiu para a formação de estudantes do curso de Pedagogia de uma faculdade do sul de Minas Gerais. Acredita-se que a abordagem da educação ambiental (EA) na formação inicial de professores contribuiu para a construção de uma postura crítica desses profissionais frente aos problemas ambientais enfrentados pela sociedade. Este trabalho consiste em estudo de caso e para a coleta de dados foram analisados os textos produzidos durante a realização de um Fórum de Educação Ambiental Crítica, relatórios e questionários respondidos pelas cursistas. No tratamento dos dados foram adotadas as técnicas da análise do conteúdo. Os resultados indicam que o curso é uma boa ferramenta para tecer discussões relacionadas à EA, porém, é preciso reestruturar algumas atividades para um melhor aprendizado dos educandos em relação à educação ambiental crítica.

Palavras-chave: Educação ambiental crítica. Formação de professores. Prática pedagógica.

Critical environmental education in pedagogy: the case of a faculty from southern of Minas

Abstract: This research sought to understand how a Training Course in Environmental Education has contributed to the teacher training of the Pedagogy of a Faculty from southern of *Minas Gerais*. It is believed that the approach to environmental education (EE) in initial teacher education contributes to building a critical view of these professionals in front of the environmental problems faced by society. This work consists of case study and to collect data were analyzed the texts produced when was performed a forum about Critical Environmental Education, reports and questionnaires answered by the course participants. In data processing were adopted the techniques of content analysis. The results indicate that the course is a good tool to weave discussions related to EE, however, it is needed restructure some activities for a better learning of the students in relation to the critical environmental education.

Keywords: Critical Environmental Education. Teacher training. Pedagogical practice.

¹Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, UFLA. E-mail: andreiamsilv@yahoo.com.br

² Doutor em Educação em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Professor UFRJ- E-mail: bpmonteiro@gmail.com.

INTRODUÇÃO

As grandes crises socioambientais decorrentes do avanço da globalização, da tecnologia e do setor econômico, assolam a sociedade. Portanto, é necessário que os cursos de licenciaturas, na visão de Guimarães (2004), trabalhem metodologias reflexivas que contribuam para a formação crítica dos futuros professores frente a tais problemas.

Para tanto, há duas perspectivas com que os professores em formação se aproximam da EA, na visão de Carvalho (2004)³, uma é a perspectiva Crítica/Emancipatória, e a outra, a perspectiva Tradicional/Convencional. A educação ambiental crítica se difere da educação ambiental tradicional por trazer ideias inovadoras e emancipatórias frente aos problemas ambientais, uma vez que a educação ambiental tradicional na visão de Guimarães (2010) não acrescenta mudanças paradigmáticas significativas às transformações necessárias à sociedade atual. Loureiro (2004) explica, diante de tais argumentos, que a educação ambiental crítica busca promover o questionamento às abordagens comportamentalistas, reducionistas e dualistas no entendimento da relação entre homem, mulher e natureza.

Diante do exposto, é importante que os professores em formação entendam que a educação ambiental deve buscar descrever as origens de problemas que envolvem o meio ambiente e propor estratégias que contribuam para a mitigação ou mesmo a erradicação desses problemas, lembrando que a perda do caráter crítico origina um posicionamento passivo e inerte (GUIMARÃES, 2000).

É preciso, que as instituições de ensino valorizem disciplinas voltadas para práticas ambientais relacionadas à educação ambiental em seus currículos, de forma que estas contribuam para a formação de profissionais críticos. Assim, a qualidade da formação docente, é fundamental na qualificação de profissionais para atuarem em suas respectivas áreas.

Na visão de Gatti e Barretto (2009) em se tratando da formação inicial de professores, é preciso uma revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos dos cursos, para que haja profissionais qualificados diante das necessidades da sociedade. No contexto escolar é indispensável que a inserção da educação ambiental seja feita a partir do currículo, porém é preciso repensar a forma como vem sendo inserida,

³ Carvalho (2004) explica essas perspectivas como categorias. Não é objetivo nesse artigo descrever todas as categorias da EA. Para um maior aprofundamento, Carvalho (2004) sugere as obras de Sorrentino (2002), Sauv  (2002), Gaudiano (2001 e 2002) e outros que têm se dedicado a problematizar as diferenças que marcam a arena da educa o ambiental, segundo várias tipologias.

Loureiro (2007, p.70) explica que “não cabe querer que a educação ambiental seja inserida transversalmente no currículo, sem entender as relações de poder, as regras institucionais, as condições de trabalho dos professores”.

Assim, entender o trabalho da educação ambiental por meio do currículo é entender também todos os motivos que levam ao desenvolvimento de práticas ambientais, e quando não há uma abordagem significativa em EA na formação docente, observa-se uma resistência dos educadores em pensar a inserção curricular da EA na escola. Por outro lado, este comportamento inibe a contribuição da EA para a organização de currículos mais ricos e dinâmicos na organização dos conteúdos escolares, fato que explicita a necessidade da valorização do ensino de forma crítica na formação docente (TOZONI-REIS, 2014).

É preciso considerar que, no âmbito da formação docente, existem leis específicas que incluem a dimensão ambiental nos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. Porém, na prática, a inclusão da dimensão ambiental em todas as disciplinas do currículo ainda é ponto de discussão, e muitos autores como Carvalho (2004) e Freire (2013) discutem a forma como a EA está inserida no currículo.

Documentos oficiais como o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais (LDB) orientam que os Cursos de Pedagogia devem propiciar aos graduandos conhecimentos claros sobre meio ambiente, por meio de estudos teóricos e práticos (BRASIL, 2006). As diretrizes também abarcam a investigação e consideram que o egresso do Curso de Pedagogia deve ser capaz de demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, entre outras, o que deixa várias possibilidades de investigação quanto à disseminação de EA na formação de professores (BRASIL, 2006).

Diante do exposto, esta pesquisa buscou compreender como um curso de capacitação em educação ambiental contribuiu (se contribuiu) para a formação de estudantes do curso de Pedagogia de uma faculdade do sul de Minas Gerais. Acredita-se que o estudo da educação ambiental na formação inicial de professores contribui para a formação crítica desses profissionais frente aos problemas ambientais enfrentados pela sociedade. E, ao exercerem a profissão, estes profissionais serão capazes de promover práticas educativas reflexivas que contribuirão para a formação de alunos conscientes e responsáveis.

A educação Ambiental dentro de uma perspectiva crítica transformadora

Loureiro (2004, p. 82) afirma que a educação tida por convencional (tradicional), diferente da crítica, direciona o ato educativo para as mudanças de comportamento,

compatíveis a um determinado padrão idealizado de relações corretas com a natureza, “reproduzindo o dualismo natureza-cultura, com uma tendência a aceitar a ordem social estabelecida como condição dada, sem crítica às suas origens históricas”.

Assim, a EA de forma não convencional busca despertar nos indivíduos a necessidade de uma consciência crítica em relação aos problemas socioambientais, por meio de uma educação contra hegemônica, mostrando o ser humano como mundo e parte do mundo. Segundo Loureiro (2004), a educação ambiental crítica contraria o modelo de educação ambiental atual, pois visa à formação crítica e contra hegemônica do educando e direciona suas práticas a uma transformação significativa da sociedade. Nesse contexto, Carvalho (2004, p.18) explica que a educação ambiental crítica “tem suas raízes nos ideais democráticos e emancipatórios do pensamento crítico aplicado à educação”.

Para Loureiro (2004), a educação ambiental foi definida no Brasil como elemento de transformação e fortalecimento da sociedade, e a educação ambiental crítica, por ter um caráter transformador se torna um componente essencial para mudanças significativas em uma educação permanente, tanto na formação de professores quanto na formação de alunos atuantes nos diversos contextos sociais.

Assim, ao considerar a importância da educação ambiental crítica no contexto de emancipação da sociedade, valorizando seu caráter dinâmico, nos aproximamos das contribuições de Freire (2013, p.35) em prol de uma educação transformadora e dialética, uma vez que este autor coloca que “é exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la”.

Para Loureiro (2004, p.71) a dialética “é um método que possibilita o diálogo crítico com outras abordagens do campo ambiental que se utiliza de alguns pressupostos comuns na formulação de suas visões de mundo”.

Dessa forma, é importante ressaltar que a educação transformadora e dialética contribui para a formação de conhecimentos críticos dos educandos frente aos problemas socioambientais. Assim, os conhecimentos baseados no senso comum se tornam insuficientes, sendo preciso que o educador transforme a experiência educativa em algo relevante, transformador na vida do educando, e não em algo técnico, abstrato, uma vez que “transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador” (FREIRE, 2011, p.34).

Uma educação para ter um papel libertador, crítico e transformador, como propõe Freire (2013), precisa ir ao encontro de questões do dia a dia do mundo contemporâneo que

concorrem para a crise socioambiental que assola o planeta, com o intuito de emancipar o ser humano integralmente, dotá-lo da capacidade de ser um sujeito consciente, atento e atuante no seu meio.

Assim posto, a educação ambiental crítica transformadora na visão de Loureiro (2004, p.78) “procura a realização humana em sociedade, enquanto forma de organização coletiva de nossa espécie, e não pela simples cópia de uma natureza descolada do movimento total”.

É preciso proporcionar ao educando uma visão de mundo não pautada na fragmentação do conhecimento, mas proporcionar atividades participativas, que nesse consenso, implicam em promover a cidadania, entendida como a realização do “sujeito histórico oprimido”, para que ao se ver como oprimido de uma realidade opressora sinta vontade de libertar-se, e ao se libertar de certos condicionamentos econômicos e políticos venha ser “senhor de si mesmo” (LOUREIRO, 2004, p. 71).

Freire (2013) sob o mesmo ponto de vista explica que a educação precisa ser problematizadora, para que os homens se percebam criticamente como estão no mundo.

Diante do exposto, é importante ressaltar que por meio da formação inicial de professores, as instituições de ensino têm a oportunidade de contribuir para a formação de profissionais reflexivos, críticos, autônomos, conhecedores de si mesmos, capazes de opinar por ações que visem à transformação da sociedade.

A Educação Ambiental na formação do (a) Pedagogo (a)

No Brasil, apesar de a Educação Ambiental ter sido sugerida em todos os níveis e modalidades de ensino pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), e também estar presente na LDB, e em outras leis educacionais, na concepção de Guimarães (2004) ainda não se fez suficiente na formação do educador. Assim, pensar e discutir a inserção da educação ambiental na formação de professores no sentido de buscar capacitação e informação no âmbito ambiental a fim de promover uma reflexão crítica em torno de ações e intervenção sociopolítica em prol de um ambiente equilibrado é imprescindível.

Embora exista uma legislação que assegure o tratamento das questões ambientais no currículo de formação inicial de professores, muitos estudos apontam que essa temática tem sido trabalhada de forma fragmentada nos cursos de Pedagogia e em outras licenciaturas.

Para Leff (2013) a formação ambiental implica assumir o compromisso de novos saberes que sejam capazes de recuperar a função crítica do conhecimento. A incorporação

da EA na formação docente é algo complexo, sendo necessária uma reflexão sobre os saberes ambientais que se pretende ensinar. Dessa forma, a qualidade de um educador ambiental está ancorada em sua formação.

Para compreender a inserção da EA na formação do Pedagogo, se faz necessário entender que assim como outras áreas de trabalho e estudo, a pedagogia surgiu em decorrência da necessidade humana e se volta para a dimensão do contexto social.

O curso de Pedagogia foi regulamentado em 1939, com o foco de formar bacharéis especialistas em educação e professores para as Escolas Normais em nível médio. Os egressos nesse curso também tinham a possibilidade de lecionar algumas disciplinas no ensino secundário (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012).

Gatti (2010, p.3), explica que “em 1986, o Conselho Federal de Educação aprova o Parecer n. 161, sobre a Reformulação do Curso de Pedagogia, que faculta a esses cursos oferecer também formação para a docência de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental”. Porém, segundo a autora, foram, sobretudo, as instituições privadas que se adaptaram para oferecer esse tipo de formação ao final dos anos de 1980. Assim, as instituições públicas, mantiveram a formação de bacharéis.

Gatti (2010) ainda explica que:

Em 2006, depois de muitos debates, o Conselho Nacional de Educação aprovou a Resolução n. 1, de 15/05/2006, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para esses cursos, propondo-os como licenciatura e atribuindo a estes a formação de professores para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, bem como para o ensino médio na modalidade Normal, onde fosse necessário e onde esses cursos existissem, e para a educação de jovens e adultos, além da formação de gestores. Essa licenciatura passa a ter amplas atribuições, embora tenha como eixo a formação de docentes para os anos iniciais da escolarização, (GATTI, 2010, p. 3).

O curso de Pedagogia é muito complexo em relação ao seu currículo, está ligado aos conhecimentos filosófico, histórico, antropológico, psicológico, linguístico, sociológico, político, econômico, cultura, ambiental-ecológico (LIBÂNEO, 1994).

Este autor ainda explica que:

A Pedagogia é um campo de conhecimentos que investiga a natureza das finalidades da educação numa determinada sociedade, bem como os meios apropriados para a formação dos indivíduos, tendo em vista prepará-los para as tarefas da vida social. (...) cabe à Pedagogia assegurá-lo, orientando-o para finalidades sociais e políticas, e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-los (LIBÂNEO, 1994, p. 24).

Nesse contexto, na visão desse autor, a pedagogia possui um conceito ampliado de educação e o caráter pedagógico da prática educativa se verifica como ação consciente, planejada na formação do indivíduo, vinculada a questões sociais e políticas.

Nesse âmbito a Pedagogia não deve ser vista apenas como um modo como se ensina, vinculada apenas à Didática e metodologias dentro do âmbito educacional. Pois, sendo ciência da e para educação, estuda a educação, a instrução e o ensino. O que permite dizer, segundo Libâneo (1994), que a mesma se compõe de ramos de estudos como a Teoria da Educação, a Didática, a Organização Escolar, a História da Educação e da própria Pedagogia. A reflexão desses estudos permite aos alunos uma visão global do fenômeno educativo no contexto escolar.

A formação docente é um processo pedagógico, intencional e organizado, possibilita uma visão ampla da sociedade em seu contexto histórico-político-econômico. A formação pedagógica por estar atrelada aos conhecimentos filosóficos, sociais, e históricos da educação contribui para uma formação reflexiva. Nesse sentido, Freire (2013) explica que a educação ligada à prática reflexiva e dialógica no processo educativo, converge para uma educação problematizadora.

Para Lima (2004, p. 99), a pedagogia freireana, ao propor uma educação também problematizadora e libertadora, contribui para a prática da educação ambiental emancipatória ao trabalhar a percepção dos estudantes como “indivíduos no mundo em relação com outros indivíduos.”

Quanto à ligação do pedagogo com a EA, Lopes (2012, p.35) explica que “a formação do pedagogo revela o perfil de um profissional, que tem sua essência, características solícitas a uma real e intencionada educação, que se quer inserida e contextualizada com a dimensão ambiental.” Porém, cabe aqui ressaltar mais uma vez, que uma formação docente de qualidade, consciente da dimensão ambiental inserida na educação e da necessidade de práticas pedagógicas problematizadoras, é responsabilidade das instituições de ensino.

A pesquisa aqui descrita almeja contribuir para uma melhor assimilação do papel das instituições de ensino na formação docente, no caso do(a) pedagogo(a) propriamente dito, atrelado a dimensão ambiental. Uma vez que o professor quando bem preparado, embasado teoricamente, determinado dentro do que lhe foi proposto e ao mesmo tempo motivado a não cumprir o básico, se preocupa com a sua formação continuada e sempre está disposto a solucionar problemas e traçar caminhos que resultem em melhorias para a escola e sociedade.

PERCURSO METODOLÓGICO

A primeira etapa desta pesquisa foi desenvolvida e fundamentada por uma revisão bibliográfica.

A pesquisa em questão se apresenta como um estudo de caso de abordagem qualitativa. A coleta dos dados foi feita por meio do acesso aos textos do fórum de discussões sobre Educação Ambiental Crítica, relatórios finais e questionários respondidos pelas cursistas, afim de analisar quais concepções de EA (Tradicional ou Crítica) apresentavam as participantes depois de concluírem o curso e como este contribuiu (se contribuiu) para a formação inicial das estudantes.

Participaram da pesquisa, 18 alunas que optaram por fazer o curso de EA, uma vez que o mesmo não era obrigatório. É importante ressaltar que foram matriculadas 41 alunas no curso, apesar de 30 terem concluído o curso, somente 18 cumpriram com todas as atividades propostas como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Seleção das participantes da pesquisa

Sujeitos da pesquisa	
Número de alunas matriculadas no curso EA	41
Número de alunas desistentes	11
Número de alunas que fizeram o Relatório Final sobre o curso	22
Número de alunas que participaram de todas as atividades propostas	18
Número de participantes da pesquisa	18

As participantes da pesquisa tiveram suas identidades preservadas, sendo usada a letra P acrescida de números conforme a quantidade de alunas. Para identificação dos documentos analisados foram utilizadas as iniciais dos mesmos, FEAC (Fórum de Educação Ambiental Crítica), RF (Relatório Final) e QA (Questionário Aberto).

Análise dos dados

Depois da organização dos dados coletados no FEAC, RF e QA, estes foram analisados, aplicando-se as técnicas da análise do conteúdo (BARDIN, 2010). A análise do

conteúdo segundo Bardin (2010) é formada por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversificados, apresentando um esforço de interpretação que oscila entre a objetividade e a subjetividade, é tido como um conjunto de técnicas de análise das comunicações.

Seguindo as etapas propostas por Bardin (2010) foi possível depois de analisar os dados coletados, elaborarmos 5 categorias de análises, como mostra a tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Categorias de análise

Eixo Temático	Categorias
Concepção de Educação Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Práticas Educativas ▪ Visão senso comum ▪ Antropocentrismo ▪ Dimensão sociopolítica ▪ Conscientizadora

Práticas educativas

Nos discursos das alunas são apontadas várias vezes a importância de práticas pedagógicas para conscientização dos alunos em relação aos problemas ambientais e formação de cidadãos autônomos, como apontam os recortes das falas das alunas, Quadro 1, extraídos dos relatórios finais, fórum de discussão e questionário aberto.

Quadro 1: Recortes das falas das alunas para análise da 1ª categoria “Práticas Educativas”

P15	Visa a prática educativa como formação do sujeito enquanto ser individual e social, tem a possibilidade de formar cidadãos participativos, autônomos , capazes de agir para a transformação. (FEAC)
P7	É preciso desenvolver práticas educativas que despertem o interesse dos alunos para os problemas socioambientais. (RF)
P10	A educação ambiental deve estar presente nas relações e atividades escolares, desenvolvendo-se de maneira interdisciplinar, para refletir questões atuais e pensar qual mundo queremos. (QA)

Fonte: Fórum de Educação Ambiental Crítica, Relatórios Finais do Curso de EA e Questionário aberto/2015.

A EA deve ser uma prática educativa que além de produzir autonomia também deve promover a emancipação dos sujeitos, de forma que possam intervir na sociedade, individual ou coletivamente, se consolidando assim como prática libertadora. No entanto, é preciso entender que dentro da educação ambiental, o professor pode desenvolver práticas educativas que despertem a consciência crítica de seus educandos em relação aos problemas ambientais e que também pode desenvolver práticas educativas que não contribuem para a formação crítica dos alunos.

As falas das alunas no quadro acima evidenciam uma visão de práticas educativas simples, Carvalho (2004) explica dentro desse contexto, que as práticas de educação ambiental, mesmo que dentro de uma visão simples, incorporam-se na disputa por valores éticos, estilos de vida e racionalidades que atravessam a vida social e devem ser trabalhadas de forma objetiva e consciente.

Porém, para que os futuros educadores compreendam tal importância, é preciso que a formação inicial desses alunos lhes proporcione vivências com práticas voltadas para a questão ambiental ou pelo menos discussões relevantes sobre as mesmas.

Dessa forma, é preciso rever as propostas para os fóruns de discussões e atividades para os próximos cursos, até mesmo para um maior entrosamento dos participantes nas atividades, e também professor/aluno, pois percebeu-se um certo distanciamento entre os mesmos nas discussões, e que apesar das discussões propostas pelo professor responsável pelo fórum serem relevantes, estas ainda podem ser incrementadas, de forma que a discussão se torne mais profunda.

A proposta do curso em EA ambiental para os alunos do curso de Pedagogia deve ser vista como uma preocupação da faculdade em questão em investir em uma formação de qualidade dos futuros professores no que tange a EA. O que no ponto de vista da pesquisadora, é algo relevante no contexto ambiental. E que por ser a primeira oferta do curso, é comum encontrar pontos que precisam ser melhorados e, ou, repensados para os próximos cursos.

Visão senso comum

Ao analisar as falas das alunas no fórum de EAC, relatórios e questionário, foi possível perceber ainda uma visão de EA voltada para o senso comum na fala de algumas cursistas (Recorte das falas no quadro 2).

Quadro 2: Recortes das falas das alunas referentes à 2ª categoria “Visão Senso Comum”

P4	Já com a Educação Ambiental Crítica é que iremos conseguir mudanças significativas para melhorar o mundo, envolvendo os alunos em uma participação ativamente democrática. (FEAC)
P18	Os alunos poderão aprender mais sobre o meio ambiente, como preservar, conhecer lugares poluídos, conhecer o lixo da cidade, saber se o lixo da cidade faz a separação do lixo reciclável do lixo orgânico, entre outras coisas. (RF)
P10	O curso possibilitou o exercício da cidadania através da preservação e conservação do meio ambiente. (QA)

Fonte: Fórum de Educação Ambiental Crítica, Relatórios Finais e Questionário aberto do curso de EA / 2015.

A fala da aluna P18 no RF apontam a concepção de EA tradicional, com embasamento no conhecimento de senso comum ao apontar ações como **separar o lixo e conhecer lugares poluídos**. As falas das alunas vão ao encontro ao pensamento de Guimarães (2004) quando este explica que ao ver a EA pela ótica do senso comum, o sujeito perde a riqueza de relação sociedade/natureza e assim passa a ver os problemas socioambientais de forma superficial.

É preciso entender que ao preservar o meio ambiente o ser humano preserva a si mesmo. A EA pautada no senso comum não visa a uma educação libertadora, mas sim uma educação bancária⁴.

Diante do exposto, é importante que o professor ao trabalhar questões ambientais na escola, entenda que a EA deve promover o pensamento crítico do educando, de forma que este seja capaz de se ver como um agente transformador no meio social em que está inserido. Para tanto, o educador, deve estar atento aos conteúdos de ensino para que haja uma aprendizagem significativa por parte dos alunos nesse processo de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, Libâneo (1994) explica que o processo de ensino e aprendizagem está ligado à mudança de comportamento e a capacidade do aluno em utilizar os conceitos aprendidos nesse processo na sociedade em que está inserido.

Durante as discussões no FEAC, algumas alunas apresentam uma concepção de EA voltada para o senso comum, assim como uma visão simplista do papel das instituições de ensino em relação à disseminação da EA. Porém, é interessante ressaltar que, ao

⁴ Freire (2013, p.80) chama de educação bancária, o ato do professor depositar conteúdos desvinculados da realidade no aluno, “desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositários e o educador, o depositante”.

responderem o questionário, algumas dessas estudantes em algumas questões apresentam outras concepções de EA, o que leva a pensar que devido a alguma(s) atividade(s) feita(s) no decorrer do curso as levaram a uma mudança de pensamento.

Para que as próximas turmas não compreendam a EA pautada no senso comum, é interessante que ao organizarem os próximos cursos, os professores responsáveis se preocupem com a concepção de EA dos educandos ao longo do curso, para que o mesmo contribua para uma formação crítica destes estudantes.

O curso de EA ofertado pela instituição pode ser uma forte ferramenta para trabalhar questões ambientais que contribuam para uma formação docente diferenciada no âmbito ambiental. E ao atuarem, estes futuros professores e professoras, poderão formar novas concepções de educação ambiental em seus educandos, de forma que estes se tornem cidadãos responsáveis e ativos na sociedade.

Antropocentrismo

Durante a análise dos documentos, foi possível perceber uma visão antropocêntrica na fala de algumas alunas, (recortes das falas Quadro 3), visão em que o ser humano se desintegra do todo, provocando uma separação entre este e a natureza.

Quadro 3: Recortes das falas das alunas referentes a 3º categoria “Antropocentrismo”

P5	Viver de forma a usufruir dos benefícios da natureza sem que haja prejuízos que possam comprometer os recursos naturais para as futuras gerações. (FEAC)
P8	Deve-se implantar nas escolas, essencialmente, o ensino da Educação Ambiental Crítica para que os alunos possam adquirir, de fato, uma postura ambientalmente sustentável e assim, viver de forma a usufruir dos benefícios da natureza. (FEAC)
P4	Através da educação é que podemos minimizar os danos causados ao Meio Ambiente, cumprindo assim a tarefa de garantir a todas as pessoas o direito de desfrutar de uma natureza saudável sem poluição. (RF)

Fonte: Fórum de Educação Ambiental Crítica e Relatórios Finais do curso de EA/ 2015.

Ao olhar para os recortes acima, é visível a separação entre ser humano e natureza. Para que o aluno perceba-se como parte do meio onde está inserido, é preciso entender o que é o meio e que a preservação deste também está relacionada com a qualidade de vida de cada indivíduo. O fórum de discussão é uma excelente ferramenta no curso de EA para se discutir tais questões de maneira que o aluno reflita sobre o assunto e perceba essa relação entre sociedade e natureza, mas, para a construção desses pensamentos, o professor

deve ser o mediador nas discussões, levando o aluno a refletir, instigando-o a participar e expor seus pensamentos.

A fala da aluna P8 (FEAC), mostra que a mesma ainda não compreendeu como a EA deve ser trabalhada na escola, pois ao dizer que deve ser **implantada nas escolas**, esquece-se que a EA é trabalhada como tema transversal e de forma interdisciplinar, ou seja, já está presente nas escolas por meio do currículo. A fala da aluna P8 também sinaliza a dicotomia entre ser humano e natureza dentro de uma visão antropocêntrica apontada por Guimarães (2010)⁵.

Ao discorrer sobre Educação Ambiental é importante dizer que a visão antropocêntrica sobre a natureza, faz desta um objeto a ser explorado. Essa visão mostra o total poder do ser humano sobre a natureza, o que possibilita dizer que historicamente a questão ambiental emerge da visão do ser humano como centro, que domina e se apropria da natureza (GUIMARÃES, 2010).

Assim, é necessário que o curso de EA, promova atividades e discussões que deixe claro que o homem não é o centro, mas sim parte do meio ao qual pertence e o influencia e também é influenciado por suas mudanças.

Dimensão sociopolítica

Ao analisar os documentos do curso, percebemos que as falas de algumas das participantes da pesquisa, (Quadro 4), apontam para a EA como também um processo educativo de formação social e política, de intervenção e de superação das injustiças socioambientais e lutas de classes. Elas argumentam que a EA enquanto crítica se apresenta como emancipatória, capaz de fazer com que as pessoas lutem contra as desigualdades sociais e erradicação dos problemas socioambientais.

Quadro 4: Recortes das falas das alunas para análise da 4^o categoria “Dimensão sociopolítica”

P10	A Educação Ambiental Crítica, conscientiza os alunos dos problemas ambientais e também faz com que os alunos sejam mais participativos se tornando cidadãos críticos. (FEAC)
P11	Na Educação Ambiental Crítica, as propostas são voltadas para transformações da sociedade em direção à igualdade e justiça. (FEAC)

⁵ A concepção de EA antropocêntrica mostra a separação do ser humano da natureza, contribui para o pensamento de que tudo o que existe no meio é para ser utilizado a favor do ser humano, não há visão de interdependência (GUIMARÃES, 2010).

P15	Aprendi que não podemos olhar para os problemas ambientais, sem abordar os seus aspectos econômicos, sociais, políticos e éticos. (QA)
------------	--

Fonte: Fórum de Educação Ambiental Crítica, Relatórios Finais e Questionário Aberto do Curso de EA, /2015.

As falas das alunas P10 e P11 no FEAC e P15 no QA, no quadro acima, apontam para a EA como um meio de transformação da sociedade atual, em que o aluno, por meio da compreensão de seu papel como cidadão crítico e político pode promover melhorias no meio onde está inserido.

Dessa forma, na visão de Guimarães (2004), compreender o seu papel político implica a promoção de transformações da sociedade atual, assumindo de forma inalienável a sua dimensão política.

A EA deve instigar a investigação e considerar os aspectos de ordem política, econômica e social em prol de uma construção crítica de conhecimentos. Muitas alunas em seus discursos evidenciaram um conhecimento de educação ambiental crítica, reconhecendo que os ensinamentos pautados dentro da mesma contribui para a mudança de pensamentos dos indivíduos diante dos problemas socioambientais.

O curso de EA, embora no final nem todas as participantes apresentassem uma concepção de educação ambiental dentro de uma perspectiva crítica, promoveu a discussão da educação ambiental também como um processo de dimensão política, que pode ser traduzido numa práxis educativa e social cuja finalidade visa a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e atuação responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente (LOUREIRO, 2002).

Ao compreenderem a EA dentro de uma visão sociopolítica, espera-se que ao atuarem, essas futuras educadoras consigam despertar o interesse de seus educandos para lutarem pela transformação social e por melhores condições de vida.

Conscientizadora

Ao trabalhar a EA, é preciso que o educador trabalhe intensamente a integração entre ser humano e ambiente e se conscientize de que o ser humano não é parte da natureza, mas sim natureza.

Guimarães (2010, p. 31) explica que o trabalho de conscientização deve possibilitar ao educando “questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização. É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores com base em sua realidade”.

Trabalhar a EA de forma conscientizadora exige do professor conhecimentos dos problemas socioambientais da realidade da sociedade dos educandos e também dos problemas socioambientais que assolam o mundo de forma geral.

O Quadro 5 abaixo, demonstra os recortes das falas das alunas, extraídas dos relatórios finais, fórum de discussão e questionário aberto, que retratam a EA dentro de uma visão conscientizadora.

Quadro 5: Recortes das falas das alunas para análise da 5ª categoria “Conscientizadora”

P16	A Educação Ambiental Crítica é a vertente capaz de erguer um contra ponto em relação a essa educação tradicional a favor da educação libertadora e conscientizadora. (FEAC)
P1	Nessa perspectiva, é que se pode concluir, através da realização deste curso, que a educação Ambiental deve ser inserida na escola ao ponto de ser transformada em sinônimo de cidadania, caracterizando uma nova consciência para todos os educandos. (RF)
P6	Tornem cidadãos conscientes e atuantes nesta questão. (RF)
P3	O ambiente escolar é um dos primeiros passos para a conscientização das crianças. Quando crescerem, serão adultos críticos e preocupados com o meio ambiente, além de serem transmissoras dos conhecimentos obtidos. (RF)
P15	Formar cidadãos mais conscientes e preocupados com o meio em que vivem e que tenham capacidade de trabalhar para resolver os problemas existentes. (RF)
P10	É conscientizar a conservação do ambiente saudável no presente e futuro. (QA)

Fonte: Fórum de Educação Ambiental Crítica e Relatórios Finais do Curso de EA/2015.

As falas das alunas P3, P6 e P15 no RF, mostram que por meio da EA é possível conscientizar os alunos sobre os problemas socioambientais com o intuito de torná-los críticos diante da situação, e assim, se tornarem agentes de mudanças.

Referente às falas das alunas, é preciso que as escolas trabalhem de forma conscientizadora, fazendo com que os alunos entendam seu papel no meio social, em prol de mudanças significativas em relação aos problemas socioambientais. Dessa forma, ao

assumir uma nova postura diante dos problemas socioambientais, surgem mudanças de valores sociais.

Durante a análise dos documentos, os recortes das falas das alunas no (Quadro 5) se direcionam para uma EA conscientizadora, porém, no fórum de discussão, os comentários foram muito breves, sendo que os prazos estabelecidos pelo professor foram suficientes para ricas contribuições das estudantes.

Não basta dizer que a EA deve promover a conscientização ou contribuir para a conscientização do aluno somente, é preciso argumentos que embasem esses pensamentos, ou até mesmo exemplos que ilustrem tal importância. O fórum de discussão é uma ferramenta propícia para discussões relacionadas a pontos de vistas e, ou exemplos, mas em relação à questão de conscientização as alunas poderiam ter contribuído mais para a discussão, uma vez que participaram de debates, estudos dirigidos nas aulas presenciais e também tinham acesso a textos da biblioteca virtual disponibilizados pelos professores.

O professor precisa entender que a participação e interesse também podem ser considerados como fatores necessários para uma assimilação ativa, que Libâneo (1994) explica como o processo de percepção, compreensão reflexão e aplicação desses conhecimentos no meio social.

É preciso que as alunas entendam e reflitam sobre a importância da EA, antes de tentar colocar em prática na escola, pois os conteúdos a serem ensinados proporcionarão mudanças nas atitudes dos educandos se estes entenderem a importância desses conceitos. Portanto, pensar a EA de forma conscientizadora, também é pensar em práticas inovadoras que promovam a reflexão/ação do aluno na sociedade.

Além de discussões, o curso também pode oferecer alguma atividade prática, mesmo que seja uma atividade no final do curso, para que as cursistas se envolvam mais e também a aprendizagem não gire em torno de debates ou discussões de textos e, ou artigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais são apresentadas tomando como referência as relações entre a Educação Ambiental e a formação inicial de professores. Tais considerações são extraídas das observações e análises de documentos de um curso de EA ofertado a alunas do 7º Período de Pedagogia de uma Faculdade situada em uma cidade do sul de Minas Gerais no ano de 2015.

Ao longo da pesquisa o objetivo geral, (compreender como um curso de Capacitação em Educação Ambiental contribuiu para a formação de estudantes do curso de Pedagogia de uma faculdade do sul de Minas Gerais), foi alcançado, em relação ao qual analisamos as participações das alunas em um fórum de discussão, relatórios finais e ainda questionários abertos.

O curso em si traz muitas propostas enriquecedoras para a formação inicial de professores, como desenvolvimento de práticas ambientais e discussão de problemas socioambientais locais. O curso ainda busca contribuir para o processo de conscientização e responsabilidades individuais frente aos problemas socioambientais. Porém, carece de algumas mudanças para que tais propostas sejam alcançadas, pois foi possível perceber que nem todas as cursistas tiveram uma formação relevante frente às propostas do curso e que nem todas as propostas foram executadas de fato. Muitas alunas apresentaram uma visão crítica, embora algumas ainda apresentaram em seus discursos uma concepção tradicional de EA ao finalizarem o curso.

A Educação Ambiental no contexto escolar está ligada diretamente à formação inicial dos professores, ao esperar que as práticas dos professores se liguem a uma Educação Ambiental que seja crítica, emancipatória, dialógica e transformadora é preciso que estes discutam e entendam tais concepções durante sua formação. Assim, nesse contexto, o curso de EA pode contribuir muito para essa formação inicial, e quando apontamos a necessidade de mudanças no curso diante das observações é porque percebemos que muitas cursistas não tiveram uma aprendizagem significativa como se esperava.

Durante as discussões do fórum, é importante que o professor responsável conduza a discussão para que o objetivo inicial não seja perdido. Durante o fórum, percebemos um certo distanciamento do professor que fez com que as discussões ficassem paradas um tempo, pois quando este participava, automaticamente, a maioria das alunas participava e o contrário também foi verdade.

Também é importante salientar, que a Faculdade, assim como o coordenador do curso de Pedagogia e Extensão, deram total apoio à pesquisadora e incentivaram as alunas a participarem. A direção da faculdade disponibilizou um laboratório de informática e um Técnico em Informática para dar suporte ao curso.

Por fim, é enfatizada a importância da disseminação da EA na formação de professores visando à compreensão crítica da mesma por parte dos alunos, para que ao

atuarem promovam práticas inovadoras, aulas reflexivas, superando uma educação ambiental tradicional, muitas vezes trabalhada nas escolas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006. Institui diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em pedagogia, licenciatura. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 16 de maio de 2006.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, 2004. p.13-24.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GATTI, B. A. G. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2016.

GATTI, B. A. G.; BARRETTO, E. **Professores no Brasil: impasses e desafios**. Siqueira de Sá. Brasília: Unesco, 2009. Disponível em: <http://www.unesco.org/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/professores_brasil_resumo_executivo_2009.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.

GUIMARÃES, M. A. **Educação ambiental: no consenso um embate?** 4. ed. Campinas: Papirus, 2000.

GUIMARÃES, M. A. Educação ambiental crítica. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, 2004. p. 25-34.

GUIMARÃES, M. A. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 2010. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. Série formação do professor).

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, G. F. C. **Educação, emancipação e sustentabilidade: em defesa de uma pedagogia libertadora para a educação ambiental**. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, 2004. p. 85-112.

LOUREIRO, C. F. B. et al. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental transformadora. In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, 2004. p. 65-84.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental e “teorias críticas”. In: GUIMARÃES, M. (Org.). **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2007. p. 51-86.

LOPES, T. S. **Educação ambiental na formação do pedagogo: a dimensão ambiental no curso de licenciatura plena em pedagogia da UFPB**. 2012. 154 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SAUVÉ, L. La educación ambiental entre la modernidad y La post modernidad: enbusca de un marco educativo integrador de referencia. In: SAUVÉ, L.; ORELLANA, I.; SATO, M. (Org.). **Textos escolhidos em educação ambiental: de uma América à outra**. Montreal: ERE-UQAM, 2002. Tomo I.

SILVA, S. P. **Formação inicial de professores: uma análise da experiência do campus da UFPA de breves/Marajó**. 2014. 137 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SORRENTINO, M. De Tbilissi a Thessalonik: a educação ambiental no Brasil. In: QUINTAS, J. S. (Org.). **Pensando e praticando a educação ambiental no Brasil**. Brasília: IBAMA, 2002.

TOZONI-REIS, M. F. C. Pesquisa em educação ambiental na universidade: produção de conhecimentos e ação educativa. In: TALAMONI, J. L. B.; SAMPAIO, A. C. (Org.). **Educação ambiental: da prática pedagógica à cidadania**. São Paulo: Escrituras, 2014. p. 9-19. (Educação para Ciência, 4).

Submetido em: 19-07-2016.

Publicado em: 07-12-2016.